

CARLOS FERNANDES MAIA (2019)
ÉTICA E EDUCAÇÃO NOS QUATRO EVANGELHOS: UMA ANTROPEUGOGIA INADIÁVEL

Lisboa: Chiado Editores, 397 pp.



A leitura de uma obra como a que Carlos Fernandes Maia publicou em 2019, com o título *Ética e Educação nos Quatro Evangelhos: uma antropeugogia inadiável*, não pode deixar de conduzir ao juízo de que se trata do resultado de uma vida de estudo. Estudo que se percebe situado em diversas áreas inscritas nas Humanidades, sendo que isso não o torna menos sólido.

Como professor universitário em Portugal, o autor ensinou, investigou e publicou sobretudo nos domínios da axiologia e da deontologia, tendo sido associado em *Fundamentos da Educação e da Pedagogia*. Com formação de base em Filosofia –ainda com a componente de Psicologia–, doutorou-se em Filosofia da Educação com a tese *A Dimensão Ética e Educativa na Obra de Miguel Torga: um poeta do dever*. E, causa ou consequência, tem editados quatro títulos de poesia.

Quanto à obra em apreço, depois da *Apresentação*, redigida por João de Matos Boavida, e de uma ori-

RESEÑAS

MARIA HELENA DAMIÃO

ginal *Declaração de interesses* do próprio Carlos Fernandes Maia, seguem-se cinco capítulos (*Um texto e um pretexto; projetos, roteiros e encruzilhadas; O semeador; Ser educado para ser educador; e Liberdade para o dever*), cuja articulação é reforçada na *Conclusão*. A extensa lista bibliográfica não obscurece a voz de quem escreve, bem nítida ao longo de quase quatrocentas páginas. São páginas que se percorrem de modo fluente, graças à organização cuidadosa dos capítulos em tópicos bem delimitados e com designações tão esclarecedoras quanto apelativas.

O género de trabalho, como diz João de Matos Boavida, é de ensaio, mas “não condicionado por objectivos académicos”, explica Manuel Alte da Veiga, na nota que escreveu para constar na contracapa. Em nada tal escolha contraria a erudição e o rigor do raciocínio patentes no texto, que, não obstante, se mantém claro e acessível ao leitor comum.

Passo ao título, que, por certo, causará estranheza nos meios de produção universitária por nele surgir uma tríade inabitual e, de algum modo, incómoda: educação, ética e religião. Porém, se tomarmos por referência a palavra *antropogogia*, dicionarizada pelo autor¹, para explicar a dimensão da bondade e da dádiva, que é constituinte do acto de educar, determinando a sua finalidade, os seus métodos e os seus resultados, teremos de admitir que a dupla matriz religiosa e ética não é dispensável. Mesmo com identidades singulares e seguindo formas distintas de pensamento, ao invés de anularem o diálogo que possam estabelecer entre si, favo-

recem-no, conseguindo uma compreensão alargada do mencionado acto.

Ora, a educação necessita de uma compreensão que vá além daquela que domina o discurso que a enforma na contemporaneidade, centrada na eficácia e na eficiência tecnicista, vocacionada para o sucesso manifesto e premiável, que recorre a uma exteriorização emocional rasa e imediatista. É bem evidente que, neste cenário utilitarista, ética e educação perdem a sua ancestral ligação e, se consideradas em conjunto, afiguram-se incompatíveis com os desígnios da religião. No caso concreto, da religião católica, na expressão cristã do Novo Testamento, nas fundamentações que os Evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João possam conter.

Entendo que, independentemente da fé que cada um possa ter ou não ter – não é isso que está em causa –, quem exerce funções educativas e esteja ciente do sentido dessas funções ganhará em retomar a dita tríade. Isto porque educar, de acordo com a tradição ocidental, apela, em primeira instância, para a ideia de aperfeiçoamento do ser e para o dever de a perseguir, não se alcançando realmente o significado nem de uma nem de outro sem entrar na ética e também na religião. Esta condiciona, de resto, honesta ou “farisaicamente”, muitos milhões de seres humanos, merecendo, por isso, a atenção de quem educa. Daí que uma análise similar do Alcorão também esteja a ser preparada pelo autor.

A terminar, volto ao princípio: ter reafirmado que a obra em destaque é o resultado de uma

Maria Helena DAMIÃO

vida dedicada à educação académica, familiar e social não significa que ela seja uma tarefa fechada. Ao contrário, a concepção do humano e a sua construção por via da educação obrigam a que permaneça aberta na secretária do autor, podendo servir igualmente de inspiração a quem pretenda interrogar o objectivo pragmático de produção de “capital humano” que vemos guiar os sistemas de ensino. A palavra «humano» é a mesma, mas o sentido é incompatível com o que Carlos Fernandes Maia lhe confere.

Seguir este sentido constitui um seriíssimo desafio que o futuro reserva a todos os que sentem res-

ponsabilidade pelo mundo, com especial destaque para investigadores e educadores. Como menciona João de Matos Boavida, “pudéssemos nós, a partir deste ensaio, recuperar para a educação e a humanização todo o potencial que contém, mas que continua sob imensas camadas de lixo ideológico”. É, na verdade, um desafio inadiável.

Maria Helena DAMIÃO

Faculdade de Psicologia e de

Ciências da Educação /

Centro de Estudos Interdisciplina-

res do Século XX - CEIS20

Universidade de Coimbra – Portugal

NOTAS

1. Maia, C. F. 2006. Antropeugogia. In A. Dias de Carvalho (Ed.), *Dicionário de Filosofia da Educação* (22-25). Porto: Afrontamento.